

Gentil Viana (1935- 2008)

O adeus do camarada que teve razão antes do tempo

Por Jerónimo Belo



"Et par le pouvoir d'un mot
Je recommence ma vie
Je suis né pour te connaître
Pour te nommer- Liberté"

Paul Éluard, 1942

O nacionalista e intelectual militante deixou-nos Sábado (23/2) à tarde, em Lisboa, vítima de doença prolongada, que o debilitava há já algum tempo.

Em momentos tristes como este – agravado pela partida quase simultânea, com escassas horas de intervalo, de Joaquim Pinto de Andrade – o que me apetece recordar em primeiro lugar é o amigo que se perde, um amigo com quem convivi de perto durante alguns anos, cuja perda nos deixa uma profunda dor e tristeza.

Morreu Gentil Viana, o Maître, Afrique, disse-me vezes sem conta naquele entardecer sonolento de Sábado.

E agora que me apetece falar de alguém que sempre me apareceu como uma personalidade única, coloca-se-me uma questão fundamental:

- Como evitar que muitas palavras não apaguem o essencial?

Quando lembramos alguém que conhecemos e passamos a admirar, como foi o meu caso com o Maître, começamos por dizer quando o conhecemos, mas é exactamente isso que eu não lembro bem.

Lembro-me, isso sim, quando o li pela primeira vez. Comecei pelas suas reflexões políticas, depois li, de forma atenta e apaixonada, toda essa literatura política de grande profundidade, que são os textos sobre o "movimento de reajustamento", as reflexões sobre Angola.

A profunda originalidade, e, ao mesmo tempo, a grande actualidade (que se mantém até hoje) consiste sobretudo em não ter "decalcado" as experiências soviética – e chinesa –, mas em ter procurado um instrumento teórico-prático capaz de "trabalhar" as nossas sociedades, *hic et nunc*.

Viana demonstra, com lucidez surpreendente e com vigor, que a realidade é política de uma ponta a outra, que não existe um "sector privado" – a arte, o pensamento, as ciências, a filosofia, por exemplo.

Lembro-me dele na rua, numa livraria. Lembro-me de uma tarde chuvosa luandense e o meu amigo Filipe Amado (mano Lilito) nos ter apresentado. E ele disse-me:

- Os nossos pais eram amigos.

Descobri dias depois desse primeiro encontro que morávamos na mesma rua, a escassos metros, na Ingombota. Também me lembro das aulas notáveis que, a convite de alguns estudantes universitários, teve oportunidade de leccionar na Faculdade de Economia, num distante 1975.

Encontramo-nos em diversas ocasiões em casa de amigos comuns.

O Gentil reunia à sua volta pessoas diferentes, mas todas elas capazes de falarem uma linguagem livre e autêntica, uma linguagem sem cálculos nem armadilhas.

Não alardeava, porém, nem sobrançeria nem humildade. Frontal nas suas convicções, sabia ouvir. Coisa rara, naquele (e neste) tempo.

Ria-se com uma boa anedota, uma boa fofoca, e todas as conversas, por mais simples que fossem, lhe interessavam.

Comovia-se também.

Um dia convenceu-se que lhe poderia dar umas aulas de violão...E, em troca, tornou-se meu professor de xadrez.

Passou a frequentar o meu pequeno apartamento, onde – com relativa frequência – almoçávamos, sempre rodeados de amigos. E a conversa corria solta. O Maître estava permanentemente a provocar os seus famosos "brain stormings", a pôr todo o mundo a pensar, a discutir, a falar.

À medida que fui conhecendo o seu percurso, confirmei que foi um homem do seu tempo e um intelectual comprometido.

Foi toda a vida um homem de tertúlias, um perguntador constante, um cantor da mulher, o intelectual do campo político em acto, como refere a nossa comum amiga Maria do Céu Carmo Reis; um homem de ironia fina como um cabelo e de pensamento crítico.

Entre histórias saborosas que nos contava, desafios de memórias, músicas, intermináveis jogos de xadrez, idas ao cinema e ao restaurante chinês, as noites corriam.

Depois desse tempo, dessas memórias de boa memória, deixei de o ver.

À beira dos 70, apesar da doença que se foi abatendo cruelmente sobre este homem de acção e pensamento, não desmobilizou a sua inquietação criativa, mantendo-se activo em várias frentes.

Exerceu a profissão de advogado, criou um Grupo de Reflexão, participa em várias diligências para a paz na sua querida Angola.

A sua vida valeu a pena e cabe por inteiro no conhecido poema *Liberté*.

P.S. De 1978 para cá, muita coisa mudou no modo como a sociedade avalia o contributo deste nacionalista para a história do país.

Gentil falou, escreveu e comentou sem rancor e com a nostalgia de quem recorda o melhor e o pior dos anos que ficaram para trás. Em algumas das suas intervenções sente-se a presença não apenas dos versos de Éluard, mas também desse génio que se chamou Joseph Brodsky para dizer que, afinal, ser sociável é ser capaz de perdoar.

Se apetece chorar, e apetece, não é pela interrupção de um percurso brilhante, ou por estarmos tristes, mas porque deixamos de conviver com um homem que fez de Angola e do amplo movimento popular de libertação que ajudou a criar a sua vida e a sua morte, tendo aceite – depois de uma iniciativa incompreendida em 1975, mercê de fundamentalismos redutores – regressar como o "humilde militante" que nunca foi para estender a mão aos seus velhos companheiros para aceitar as novas tarefas deste tempo.

Gentil Ferreira Viana, Afrique, Maître, deixou este mundo de uma forma grandiosa, elegante e digna. Desta vez, com os melhores dos seus companheiros – antigos e mais jovens – que o souberem abraçar de forma comovente, cumprindo-se assim um dos seus sonhos mais ambicionados: criar a unidade orgânica de pensamento patriótico profundo!

Obrigado, Maître.

Jerónimo Belo